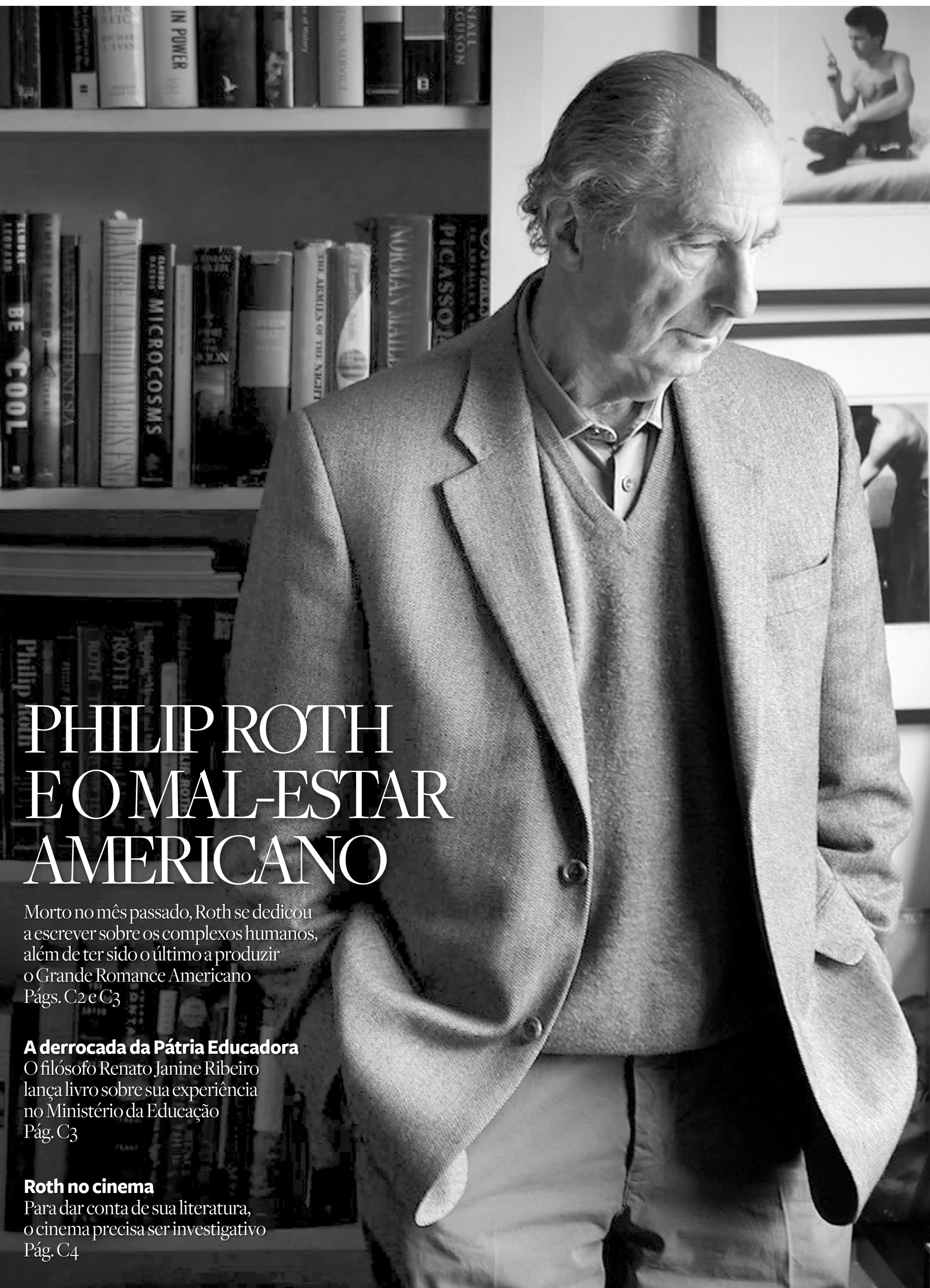




Cultura!



PHILIP ROTH E O MAL-ESTAR AMERICANO

Morto no mês passado, Roth se dedicou a escrever sobre os complexos humanos, além de ter sido o último a produzir o Grande Romance Americano

Págs. C2 e C3

A derrocada da Pátria Educadora

O filósofo Renato Janine Ribeiro lança livro sobre sua experiência no Ministério da Educação

Pág. C3

Roth no cinema

Para dar conta de sua literatura, o cinema precisa ser investigativo

Pág. C4

Literatura

Morto no mês passado, Roth foi mais do que um autor contemporâneo, foi responsável por enfatizar o abismo absoluto do ser humano

PHILIP ROTH: O ESCRITOR QUE NÃO TEVE MEDO DE SE DEITAR NO DIVÃ



GIL PIVA

Philip Roth daria um ótimo personagem a Irvin D. Yalom, autor de *Quando Nietzsche Chorou*. Se em vez de colocar no centro de seu romance o filósofo Nietzsche, submetido a um tratamento com Josef Breuer, um dos pais da psicanálise, Yalom resultasse em focar a terapia em Roth, talvez o romance se tornasse mais interessante.

A bem da verdade, nenhum experimento desse tipo daria conta de tentar uma análise psicanalítica com a mesma verve literária com que Roth resultou o extraordinário ato de se deparar consigo mesmo o tempo todo em sua obra, onde a realidade e a ficção sempre se misturaram a fundo.

Philip Roth, que morreu no mês passado, aos 85 anos, deixou uma obra que pode ser dividida, *grosso modo*, em três partes: a primeira parte corresponderia a um Roth ainda jovem, confrontando corriqueiramente o imbricamento entre desejo, literatura e religião — o judaísmo, no caso —, nos livros *O Seio*, *O Professor de Desejo* ou *O Escritor Fantasma* (também traduzido no Brasil como *Diário de uma Ilusão*).

Além disso, ainda nessa primeira fase, há um constante jogo de reflexos, onde, por exemplo, em *O Averso da Vida*, Roth enfrentará os temas principais de sua vida recriando pontos de vista e redirecionando sua própria história ao fugir dos eventos reais. Quais eventos seriam reais?

Em *Operação Shylock: uma Confissão*, Roth escreve sobre dois Philip Roth, e volta a brincar com episódios que marcaram sua vida ao encontrar, segundo ele, um sócio, que se passa por ele, tão logo pretendendo desmascarar as intenções desse outro eu “falso”.

A agudeza desse autor parecia não ter limites, tanto é que em *Os Fatos*, ele (Roth novamente) resolve trocar cartas com seu *alter ego* Nathan Zuckerman. Trata-se de uma incomum autobiografia: a ironia sutil desse livro está não apenas na forma como um se coloca diante do outro, mas como um discorre sobre o outro; afinal, Zuckerman conhece Roth melhor do ninguém.

E se tudo isso não der a exata ideia de se tratar de um autor deveras psicanalítico, basta citar uma frase de Edna O’Brien, utilizada como uma de suas epígrafes: “O corpo contém a história da vida tanto quanto o cérebro”. É o desejo que nunca se cala — não que ele não seja retomado mais tarde; será, só que de modo menos presente, falto, como um corpo que não corresponderá mais ao ímpeto sexual.

Na segunda fase, surge um Roth propenso a analisar os entreatos da história americana. Livros como *Pastoral Americana* (vencedor do Pulitzer em 1997) e *Complô Contra a América* (premiado pela Sociedade dos Historiadores Americanos por ser “o mais notável romance histórico de 2003-4”) pertencem a uma escrita de um fôlego maior,

contornando, inclusive, confrontos políticos. Essas obras compõem a vida na América pós-guerra, conotando o fim da utopia americana, as questões morais que marcaram os padrões do espírito da época.

Nesse período, ele obteve o feito de ter sido reconhecido como aquele que escreveu o Grande Romance Americano, que poucos escritores americanos alcançaram, como F. Scott Fitzgerald, William Faulkner, John dos Passos, John Updike, Don DeLillo, para citar alguns.

Já na velhice, é possível entender a terceira parte de sua obra. Roth faz da idade avançada o tema principal, basta relembra-los os extasiados e perturbadores *Homem Comum*, *O Fantasma Sai de Cena* e *Humilhação*.

O engraçado no resultado do processo criativo desses livros é que, ao contrário do que costuma acontecer na vida dos escritores — em que, em geral, nos últimos anos de suas vidas, produzir grandes obras torna-se um fenômeno mais raro —, a estratégia narrativa que arrasta o leitor tanto para monólogos sobre o envelhecimento quanto para a contemplação da vida se caracteriza como estratégias avassaladoras, possibilitando que o reconhecimento da crítica a um autor que não teve medo de se expor nem receio de se reinventar.

Mais uma vez, Roth conquistou novos méritos: o de ter refundado seu próprio estilo e redefinido o conceito de romance; o de ter sido considerado inúmeras vezes o maior escritor americano vivo, embora estivesse aposentado desde 2010. Claudia Roth Pierpont escreveu, em 2014, uma excelente biografia sobre ele, intitulada *Roth Libertado*, e cujo subtítulo resume de forma incrível o significado de sua profissão: *O Escritor e seus Livros*.

Pierpont traduz bem essa última fase do escritor, enfatizando que seus heróis “não cometeram crime algum. São punidos porque a punição é a sina humana”. Ela explica que Roth não aceitava bem os “pseudofreudianos de botequim (...) que nos dizem que nós fazemos o futuro com nossa cegueira deliberada e nossos autoenganos”; em seu *Nêmesis* (e último trabalho), segundo ela, fica demonstrado “que nossa cegueira é real, ainda que sejamos cegos também a isso”.

É comum relacionar ironia com sarcasmo em obras literárias de grande magnitude. Num Philip Roth, cujo talento incomum também explora as ressonâncias dos contrapontos do sujeito contemporâneo e as necessidades clínicas (afinal, seríamos todos delirantemente desnudados pelos fatos incidentais), não seria exagero denominar sua escrita como uma “ironia cáustica”, cujos relevos apontados por essa expressão não eximem a qualidade textual ou o significante vertiginoso que sua obra representou.

Vale ressaltar ainda que talvez nenhuma outra personagem na história da literatura americana tenha feito tanto jus à apropriação do termo *alter ego* como a personagem Nathan Zuckerman.

Sua escrita era uma “ironia cáustica”, cujos relevos não eximem a qualidade textual ou o significante vertiginoso que sua obra representou

Palavra



“A única obsessão que todos querem: ‘amor’. As pessoas acham que, ao se apaixonarem, se tornam inteiras? A união platônica das almas? Eu acho diferente. Eu acho que você está inteiro antes de começar. E o amor o quebra. Você está inteiro e depois está rachado.”

PHILIP ROTH

NASCIDO EM NEWARK, ESTADOS UNIDOS, EM 1933, O AUTOR DE “O COMPLEXO DE PORTNOY”, “PASTORAL AMERICANA” E “HOMEM COMUM”, DENTRE OUTROS, MORREU EM NOVA YORK, MÊS PASSADO.

Philip Roth



Cultural! é uma publicação do jornal O Extra.net, concebida por O. A. Secatto com o apoio da Confraria da Crônica.

EXPEDIENTE
EDITOR: O. A. SECATTO
COLABORADORES: GIL PIVA,
JOÃO LEONEL, ZÉ RENATO E
JACQUELINE PAGGIORO
DIAGRAMAÇÃO: ALISSON CARVALHO



Como se sabe, Zuckerman não é presença constante em todos os livros de Roth, embora Roth esteja em demasia em Zuckerman. *Alter ego* significa “um segundo eu, um substituto perfeito”, mas não “perfeito” no sentido de estar aquém de problemas ou conflitos; ele se define, antes, como “um substituto ideal” para dar conta do amplo paradoxo que representa Roth. Ao se refletir em Zuckerman, Roth ultrapassa os limites da criação e, por meio do espelho, um se perde (ou ora se encontra também) no outro. Roth desaparece em Zuckerman e deixa este explicar as origens dos re-

latos e fatos do autor (quando possível, ou necessário).

Tal experiência narrador-personagem vislumbra a dinâmica da transferência freudiana, transportando para “um outro” aquilo que escapa ao autor; só que Roth foi além, reverteu para si esse jogo aberto de mistérios ficcionais, quase como que num ângulo paralelo de sua vida, simbolizando seu consciente e inconsciente. Com Zuckerman, Roth preencheu os vácuos de sua indeterminação e transitoriedade — a lamentável condição humana sendo expressa servilmente pela obsessão ofuscada das pulsões.

Não à toa, o livro que revelou Philip Roth

chama-se *O Complexo de Portnoy* (sua *opus magnum*); ou seja, ele carrega em si um termo psicanalítico até no título.

Alexander Portnoy é um jovem advogado nova-iorquino bem realizado que se entrega a um divã para perpassar num fôlego contínuo toda a frustração de sua vida sexual, a infância dedicada à masturbação, a oscilação entre caráter religioso familiar e o realismo despudorado e patético de seus desejos não realizados.

Engana-se quem enxerga na obra apenas a superexposição de um indivíduo inseguro e despedaçado. Roth, como ninguém, sou-

be explorar o desespero existencialista que

germina no corpo: vazio que resvalava na cultura americana das décadas de 1950-60. *O Complexo de Portnoy* segue por um desdobramento das aspirações avassaladoras que os costumes e a moralidade interrompem utilizando da culpa e da punição. Dito de outra forma, Portnoy é o claro exemplo da limitação instituída sobre o insólito inconsciente (do desejo).

A psicanalista Tania Rivera, em seu livro *Guimarães Rosa e a Psicanálise*, relembra que “Freud afirmou que a ficção é o modo pelo qual se constitui o homem. Guimarães Rosa, que ‘a vida também é para ser lida’”.

Não podia ser diferente, tem-se em Roth a literatura do sujeito.

Educação

POLÍTICA EDUCACIONAL (E FILOSÓFICA)

A. VENTURA

Acaba de ser lançado pela Editora Três Estrelas o livro *A Pátria Educadora em Colapso: reflexões de um ex-ministro sobre a derrocada de Dilma Rousseff e o futuro da educação no Brasil*, do filósofo e professor de ética e filosofia política pela USP Renato Janine Ribeiro.

Neste seu mais novo trabalho, Janine Ribeiro percorre o caminho da cultura e sua dimensão educacional, propondo uma revisão sociopolítica da crise alarmante em que tem se transformado o processo de ensino-aprendizagem no Brasil.

Na verdade, o que ele denomina como “colapso” advém de seu conhecimento ampliado pela própria experiência enquanto ministro. Substancialmente, havia também um governo em crise: cujos opositores, informados com a vitória petista nas eleições, fizeram um cerco à presiden-

te. À esquerda, os apoiadores se dispersaram, quando não repudiaram as restritivas medidas econômicas que o governo buscou implantar.

O resultado disso foi terrível para o âmbito nacional, à medida que as dificuldades já existentes no que diz respeito à educação permaneciam indissolúveis e as projeções almejadas que tornavam, de certo modo, uma mudança possível, caíram por terra, já que a necessária experiência proporcional não dava conta dos impasses daquele momento.

É nesse cenário que Janine Ribeiro, no Ministério da Educação, enfrenta o impacto dessas transformações e a “esconjura euforia” opositora. Intelectual de esquerda, embora não filiado ao PT nem a qualquer outro partido, Janine tem sua nomeação recebida com entusiasmo por boa parte da sociedade, pois ele parece a opção acertada para viabilizar o novo lema do governo, “Brasil, Pátria Educadora”.

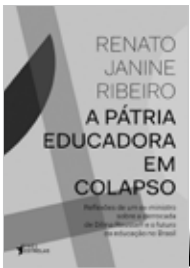
Nesse livro, o filósofo conta os bastidores de sua experiência no ministério e faz

um palpitante relato das esferas do poder e de sua convivência com Dilma Rousseff, “o enigma”, nesse período conturbado, em que a deposição da presidente se avizinhava cada vez mais.

Nesse plano, vale lembrar o histórico da luta política para além dos mais eventuais êxitos (momentâneos) na educação; afinal, a política não é lugar para consenso, ou seja, só uma troca de sinais pode formar e, sobretudo, alcançar padrões sem que uma base essencial (sempre há uma) se torne obsoleta — talvez a “vocação” governamental mais injusta perante as mudanças e propostas de governo.

O ex-ministro também reflete sobre as causas políticas da derrocada do governo petista e a situação educacional no Brasil, a qual, para ele, reflete séculos de “metódico planejamento da desigualdade e da injustiça no país”.

A. VENTURA É PROFESSOR E CRÍTICO LITERÁRIO



APÁTRIA EDUCADORA EM COLAPSO

Autor: Renato Janine Ribeiro
Editora: Três Estrelas
(352 págs.; R\$ 59,90)

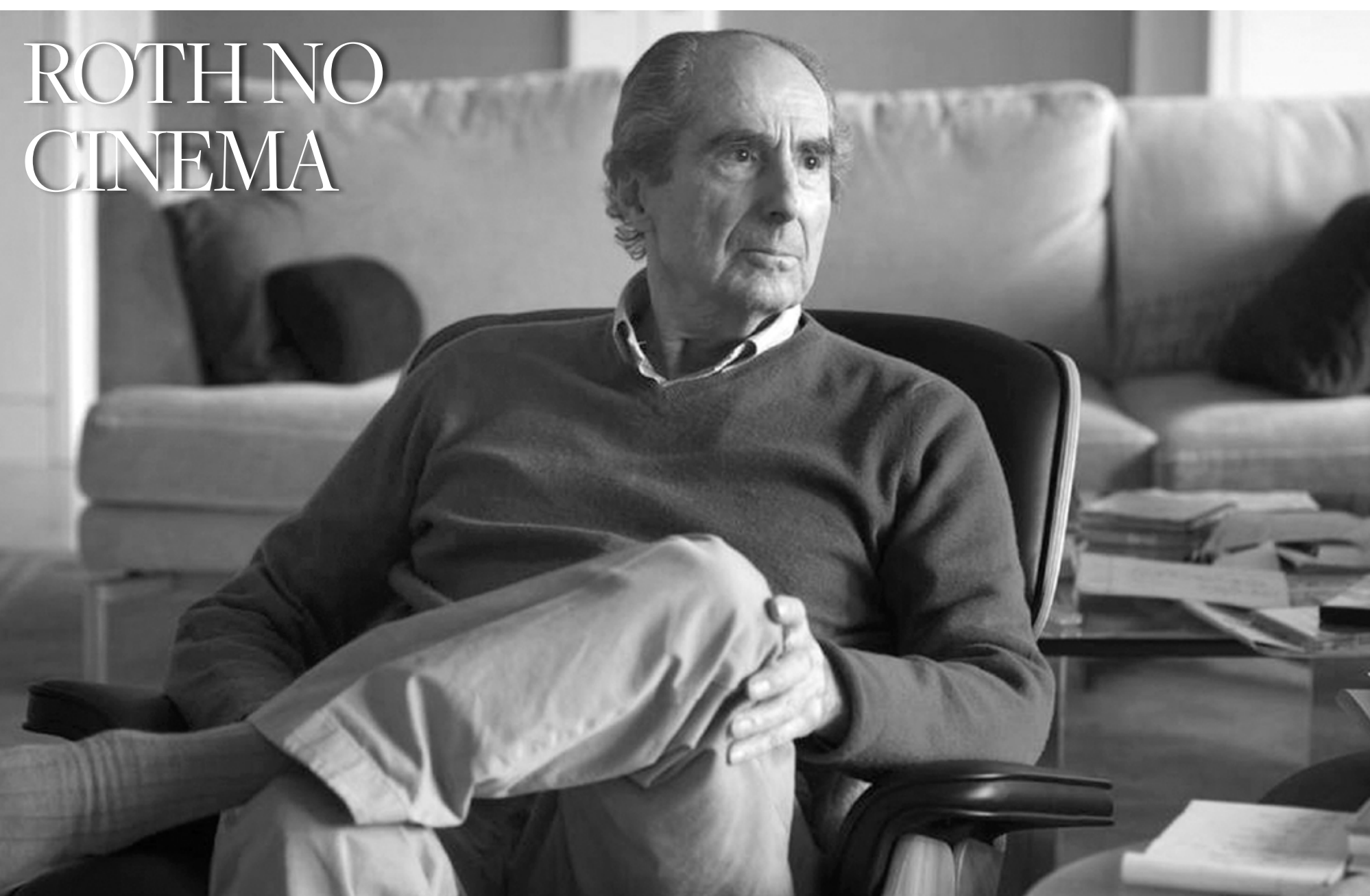


Ex-ministro da Educação.
O filósofo Renato Janine Ribeiro

Cinema

Uma dívida ao centro do texto literário de Philip Roth tem subvertido a relação entre literatura e cinema

ROTH NO CINEMA



GIL PIVA

Quando se colocam à prova os livros de Philip Roth, não é falsa a ideia de que o enredo dramatizado aponta para os bastidores de uma espécie de “gêneses” — sociais ou individuais. Não há lugar para misericórdia ou compreensão da maior parte dos absurdos que dominam os problemas humanos. Roth é um escritor realista e cruel, pelo intimismo de sua prosa. E, neste quesito, parece que o cinema nunca se deu muito bem nas adaptações de seus livros, uma vez que as “cicatrices” entrevistas em suas narrativas permanecem incompletas visualmente. Porém, nos últimos anos, ainda que de forma tímida, o cinema tem obtido um resultado dramático melhor ao trilhar sua obra. Exemplo disso é o filme *Revelações*, de 2003, com Anthony Hopkins e Nicole Kidman, explorando bem o enfático lado assombroso dos traumas individuais. Pena que, de certo modo, o título do filme entregue um pouco do caráter reflexivo que o original do livro mantém em suspense — no original, o título *A Marca Humana* propõe um estigma a ser extirpado.

Tem-se aí a história de um professor admirado, Coleman Silk (Hopkins), que perdeu sua posição na universidade em razão de um “suposto” insulto racial. Então, com seu amigo (e o permanente *alter ego* de Roth) Nathan Zuckerman, resolve contar sua vida e um segredo curioso aparece. Salvo as proporções, *Revelações* tornou-se até o momento a mais considerável realização cinematográfica de um livro de Roth.

Na sequência, o ator Al Pacino comprou os direitos do livro *Humilhação* e fez dele, em 2014, uma referência semelhante, mesmo que a partir de linguagens diferentes: afinal, se o filme deixa a desejar, é justo lembrar que *Humilhação* pertence a uma estirpe menor na carreira de Philip Roth.

Na tradução brasileira, o filme recebeu o nome de *O Último Ato*; assim sendo, Al Pacino produziu e cedeu a direção a Berry Levinson (de *Rain Man*) — um bom diretor, mas que, igual a Roth, trouxe para seu currículo um trabalho bem abaixo do que geralmente concretiza.

E foi a vez de a narrativa avançar em torno do ator consagrado Simon Axler (Al Pacino). Após um período internado numa clínica, ele volta para sua vida solitária e passa a pensar em suicídio, só que em meio a tudo isso se envolve com uma garota homossexual que tem idade para ser sua filha.

Um detalhe ainda merece atenção nesse filme. Ao contrário do livro, *O Último Ato* carrega duas características consigo: a primeira é o evidente objetivo de servir de encomenda para o próprio Al Pacino, onde, inúmeras vezes, ele parece representar a si mesmo; e, em segundo lugar, o humor negro no filme flui bem, e a comicidade atinge uma tensão com o lado esquizofrênico da personagem, talvez mais clara (porque pedagógica) que no livro.

Por último, em 2016, Ewan McGregor assumiu a responsabilidade de traduzir *Pastoral Americana* para as telas, um dos livros cujas intensa verve histórica e ideologias

políticas extremistas se adensam tais quais transgressões inevitáveis.

E McGregor consegue a proeza de desnudar tanto as eficiências do livro homônimo quanto “descaracterizar” as insuficiências inerentes às próprias — mas grandiloquentes — consequências trágicas da narrativa e suas ramificações.

Com a presença marcante de Dakota Fanning e Jennifer Connelly, *Pastoral Americana* narra a história de Seymour Levov (McGregor), o clássico herói americano nos tempos do colégio, idolatrado pelo seu valor atlético e de ilustre camarada. Anos depois, ao se casar com uma antiga rainha de beleza da cidade (Connelly), herda os negócios rentáveis — e tradicionais — não só de seu

pai e de sua família, como também parte de um símbolo histórico da vida americana. A vida parece perfeita, até que a filha do casal começa a manifestar estranhos com-

portamentos e atos terroristas.

O papel que o comportamento dela exerce sobre seus pais é apenas um exemplo de enveredamento por um conflito em que o estilo americano de vida, regado à excêntrica de uma perfeição, vai se declinando aos poucos diante dos ideais fantasiosamente consolidados. Eis o principal mote da maioria dos livros de Roth.

A “crise” existente nas transposições dos livros de Roth para o cinema é que até hoje não se buscou a “linha” de sua literatura, no exato lugar em que suas histórias se recheiam de causas à deriva e consequências em suspense. *Pastoral Americana* tenta manter o mesmo clima desolador do ro-

mance, embora modifique em partes o final do livro — e nem por isso o filme deixa de ser fiel.

Em *Pastoral Americana*, Nathan Zuckerman, que fora amigo de Levov no colégio, retorna para testemunhar do irmão de Levov todos os pormenores da história desastrosa dessa idealizada família americana. Nesse eterno retorno, Zuckerman é, na verdade, a personagem-autor-narrador.

O problema das adaptações é que elas não representam o objeto necessário (a literatura de Roth, no caso), porque suas forças, utilizando apenas de sugestões imitativas, exercem a função periférica de celebrar o conjunto dos intertextos. Tal tendência acaba por escapar das especificidades fronteiriças que decretam o que é de domínio literário — e, por sua vez (quando compreendido), reveste com atribuições investigativas o cinema.

Nem sempre apostar na valorização de um filme contemplando só o que há de incomodativo no enredo significa que o escopo norteador do romance prevaleça impecável como espectro referencial.

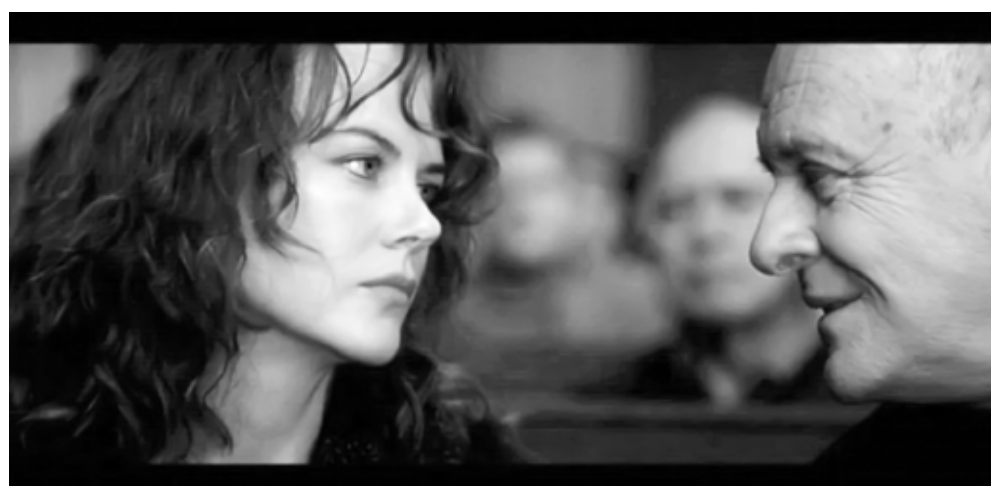
Os livros de Roth não são fáceis de adaptar, as premissas que circundam seus trabalhos compõem um detrimento no seu sistema literário, pois aponta um posicionamento central para analisar as complicações das personagens, além de resultar num espetáculo dos afetos e desafetos típicos das fontes e alvos da cultura e história americanas.

O interesse atual, bem ou mal, de se filmar seus livros passeia por uma preocupação de localizar nas instâncias complexas que englobam as relações internas da formação de seu legado literário. Por isso, sobre as adaptações antigas, o adequado mesmo é nem mencionar.

Até hoje não se buscou a “linha” de sua literatura, no exato lugar em que suas histórias se recheiam de causas à deriva



“Humilhação”.
Al Pacino, no papel de Simon Axler



“Revelações”.
Nicole Kidman e Anthony Hopkins